

**NEOIMPÉRIO, IDENTIDADE E SUBALTERNIDADE: UMA ANÁLISE PÓS-COLONIAL DA IDENTIDADE DOS PERSONAGENS EM *O VELHO E O MAR*, DE ERNEST HEMINGWAY**

**NEO-EMPIRE, IDENTITY AND SUBALTERNITY: A POST-COLONIAL ANALYSIS OF THE CHARACTERS' IDENTITY IN *THE OLD MAN AND THE SEA*, BY ERNEST HEMINGWAY**

Ferdinando de Oliveira Figueirêdo<sup>1</sup>

Universidade Estadual da Paraíba

Sueli Meira Liebig<sup>2</sup>

Universidade Estadual da Paraíba

Resumo: Este estudo tem como objetivo desenvolver uma análise pós-colonial do romance de língua inglesa *O Velho e o Mar* (2013a), do escritor norte-americano Ernest Hemingway (1899-1961), a partir de uma visão focada na formação identitária dos personagens retratados na narrativa. Para tanto, considera-se o contexto predominante do neoimperialismo norte-americano em Cuba, que abrange a primeira metade do século XX, período em que a obra foi produzida. A utilização da teoria pós-colonial para esta pesquisa se justifica devido a sua relevância nos Estudos Culturais, especialmente quando seus conceitos são aplicados na literatura, sobretudo na sua proposta de promover uma reflexão acerca da condição de subalternidade atribuída ao sujeito colonizado pelo poder colonial. Assim, pelo método analítico, os personagens serão observados como as principais peças afetadas pelo sistema neocolonial dos Estados Unidos, o que os define como membros marginalizados perante o Império. Portanto, as contribuições de teóricos como Ashcroft, Griffiths e Tiffin (1989, 2007), Bonnici (2000, 2005), Bosi (1992) e Memmi (2007), dentre outros, serão fundamentais para a produção deste trabalho, e auxiliarão na atenção à leitura do *corpus* como uma imagem da singularidade subalternizada determinada pelo colonizador americano ao cubano colonizado.

**Palavras-chave:** Identidade; Literatura; Neoimperialismo; Subalternidade.

Abstract: This study aims to develop a post-colonial analysis of Ernest Hemingway's *The Old Man and the Sea* (1952) with especial attention to the definition of the characters' identities represented in the narrative. For this purpose, the predominant U.S. neo-imperialist context in Cuba that covers the first half of the 20th century, when this work was written, will be taken into consideration. The use of post-colonial theory for this study is justified due to its importance in crosscultural studies, mainly when its concepts are applied in literature,

<sup>1</sup> Pesquisador da Universidade Estadual da Paraíba. Email: [ferdinando\\_oliveira@hotmail.com](mailto:ferdinando_oliveira@hotmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Letras/literatura comparada pela UFMG -Universidade Federal de Minas Gerais/UGA - Universidade da Geórgia em Athens, USA (2002). Vice-presidente da Associação para o estudo da Literatura e Meio Ambiente - ASLE Brasil, pesquisadora no grupo de pesquisa GAIA ? Grupo de Atividades Interdisciplinares sobre animais, da Universidade Estadual de Maringá (UEM -PR) e de Literatura e cultura afro-brasileira, africana e da diáspora, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Professora aposentada da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora Associada do Departamento de Letras na graduação e da pós-graduação em Literatura e Interculturalidade (MLI/PPGLI) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em literatura Comparada, Estudos pós-coloniais, expressões da alteridade e estudos ecocríticos. Email: [suelibig@hotmail.com](mailto:suelibig@hotmail.com).

promoting a reflection about subalternity exercised by the colonial power on the colonized people. Thus, with the analytical method, the characters will be observed as the main subjects affected by the United States' neo-colonial system that defines them as marginalized members toward the Empire. Therefore, the theoretical contributions of Ashcroft, Griffiths and Tiffin (1989, 2007), Bonnici (2000, 2005), Bosi (1992), and Memmi (2007), among others, will be fundamental to the production of this research, and they will serve as theoretical support to the reading of the novel as a representation of subordinated singularity, whose image is determined by the American colonizer towards the colonized Cuban.

**Keywords:** Identity; Literature; Neo-imperialism; Subalternity.

## Introdução

Ao considerar a colonização como um resultado direto do imperialismo, percebe-se que esse fator histórico estabeleceu o caráter de subserviências por parte de algumas nações atingidas por essa estratégia de dominação exercida por grandes potências mundiais, tais como Inglaterra, França e Estados Unidos. Os colonizados sofreram uma tentativa de apagamento das suas raízes culturais e, nesse panorama, os Estudos Pós-coloniais surgiram como uma alternativa de compreensão das consequências do colonialismo nessas comunidades, o que possibilita a aplicação dessas concepções nos produtos culturais, a exemplo do objeto literário.

De acordo com Gandhi (1998), o pós-colonialismo tem sido um ponto de encontro para uma diversidade de áreas disciplinares e suas teorias na contemporaneidade. Visto pela ótica pós-colonial, o texto literário fornece a oportunidade de se estudar as obras pela carga histórica e cultural que elas contêm em toda a sua definição enquanto objetos artísticos. Assim, os Estudos Pós-coloniais e a literatura se detêm a discorrer sobre os resultados que o imperialismo estabeleceu nos textos originados nos países envolvidos no processo colonial, constituídos pela multiplicidade de formações e padrões culturais ambivalentes que transitaram antes e após a colonização exercida pelo Império. Portanto, entende-se o colonialismo como uma organização de domínio associado a uma doutrina e a uma prática institucional e política que se expande por meio da conquista de colônias e da submissão de povos distintos do Império colonial (BOBBIO et al., 1998).

Traz-se, então, como alternativa de estudo, o romance *O Velho e o Mar* (1952), cuja autoria pertence ao escritor norte-americano Ernest Hemingway (1899-1961), texto que apresenta resquícios do sistema colonial que predominou na sociedade cubana durante o domínio neoimperial dos EUA quando da produção e publicação da obra, mais especificamente a primeira metade do século XX. O fato de o autor ser oriundo de uma nação imperialista proporciona a identificação de aspectos semânticos que definem

o sujeito colonizado como objeto resultante dos atos do colonizador, e, conseqüentemente, promove a figura de personagens caracterizados pela subalternidade.

Dessa forma, essas observações contribuíram para um estudo dissertativo desenvolvido no PPGLI<sup>3</sup> da UEPB, do qual este artigo é adaptado a partir de alguns tópicos discutidos na pesquisa. Portanto, promove-se uma amostra da aplicação da teoria pós-colonial a uma narrativa proveniente dos EUA, o que traz uma observação acerca de como o colonizado é retratado sob o ponto de vista do colonizador, mediante um contexto caracterizado pela dominação econômica, política e cultural norte-americana. Nesse sentido, a literatura se revela como um objeto artístico de combate aos valores identitários estabelecidos pelo colonialismo, que inferioriza e, concomitantemente, forma a imagem de um sujeito a partir dos produtos culturais do Império, principal agente na determinação e domínio do indivíduo colonizado.

Tomaremos por base teóricos como Ashcroft et al. (2007), Bonnici (2000, 2005), Bosi (1992), Memmi (2007), etc., para auxiliar na compreensão sobre as relações de poder existentes no texto que interferem na interpretação dos elementos culturais, econômicos e sociais que caracterizam o indivíduo cubano perante o imperialismo dos EUA, cenário histórico que reinava em Cuba durante o período de escrita e publicação da obra. Será feita, então, uma breve explanação acerca dos Estudos Pós-coloniais aplicados à literatura de modo geral; logo após, será analisada a literatura de Ernest Hemingway como uma possibilidade de *corpus* para se aplicar a teoria pós-colonial, o que não se detém apenas ao seu romance consagrado *O Velho e o Mar*; seguidamente, partiremos para o estudo dos personagens da obra, vistos como representações individuais de sujeitos definidos pelo sistema colonial; e, por fim, serão efetuados alguns pressupostos sobre a literatura norte-americana enquanto proposta de análise sob o viés pós-colonial, aspecto esse discutido nas considerações finais desta pesquisa.

## 1. Considerações sobre os Estudos Pós-coloniais

As produções intelectuais voltadas ao colonialismo propuseram um olhar crítico acerca das relações de poder entre o regime imperial e a colônia, em vista de que o seu domínio colaborou para o estabelecimento de divisões de classes e instauração de políticas de raças e de divisão desigual dos bens pertencentes ao território colonizado. Com isso, na década de 1970, os Estudos Pós-coloniais adquiriram seu próprio universo

---

<sup>3</sup> Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, localizada no Campus I, Campina Grande-PB.

de discussões, sobretudo nas pesquisas em literatura. Essas pesquisas revelaram um conjunto de noções sobre a predominância do europeu sobre os povos não pertencentes ao centro de poder e os seus efeitos sobre essas comunidades.

Desde então, o grande elemento que propiciou a colonização foi o imperialismo. Entende-se a ação imperialista como um período, mais especificamente entre 1870 e 1914, em que:

[...] a Europa Ocidental e os Estados Unidos arquitetaram a conquista política, econômica e cultural da África, Ásia, Oceania e América Latina. Repartiram o mundo entre si e organizaram poderosos impérios coloniais que só tinham em comum o desenvolvimento da acumulação capitalista (BRUIT, 1987, p. 5).

O imperialismo, como a própria palavra sugere, agregou os métodos que nações buscaram para construir seu Império em países vizinhos. Observa-se que a política imperial se utilizou de ações conscientes para a conquista estratégica de colônias para aumentar seu poderio econômico e cultural. É por esse âmbito que Lênin (2011) trata a ação imperial como uma etapa superior do capitalismo, de modo que os países imperialistas, ricos e poderosos, construíram um quadro de privilégios a si mesmos pela própria concentração de bens e pelo fracionamento territorial de espaços globais. Por isso, o crescimento de sua hegemonia se tornou frequente a partir de seu acúmulo transparente de terras para sua exploração e, nesse sentido, o emprego do termo “imperialismo” se associou ao vocábulo “colonialismo”.

Nos Estudos Culturais, o pós-colonialismo abrange um conjunto de análises críticas que “[...] têm por objetivo compreender a realidade e as condições em que certos setores da humanidade se encontravam e se encontram excluídos pelos detentores da hegemonia colonial” (BONNICI, 2005, p. 9). Portanto, os estudiosos que se dedicam a rever esse contexto como elemento fundamental para a compreensão dos fatos políticos, étnicos, sociais e culturais em países colonizados pela Europa interpretam as produções culturais integrantes do patrimônio desses povos.

Todavia, a pesquisa a respeito do que seria o pós-colonial é mais antiga, verificada como uma área presente bem antes de 1970. De acordo com Ashcroft et al. (2007), o estudo do pós-colonialismo já era observável desde quando o indivíduo colonizado apresentou seus questionamentos referentes às consequências da prática colonial do Império com o objetivo de exteriorizar suas reflexões que se opunham às ações de instalação do seu estado de subserviência. Selden et al. (2005) acrescentam que

as primeiras produções pós-coloniais permitiram o início de movimentações anticoloniais em diversas nações onde o imperialismo colonial prevaleceu. Prova disso se encontra nos textos publicados anteriores a essa época, como *Pele negra, máscaras brancas* (1952) e *Os condenados da terra* (1961), ambos de autoria do ensaísta martinicano Frantz Omar Fanon (1925-1961); *Discurso sobre o colonialismo* (1955), do caribenho igualmente de origem martinicana Aimé Césaire (1913-2008), e *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador* (1957), do crítico francês Albert Memmi (1920-).

Com relação aos estudos voltados para a representação do indivíduo na contemporaneidade, os Estudos Culturais se propõem a dedicar suas pesquisas à colonização - enquanto prática exercida pelo imperialismo - como um dos fatores que influenciaram na representação do Oriente a partir das ideias proferidas pelo Ocidente. Dentre os principais teóricos, Edward W. Said (1935-2003) corresponde a um dos escritores que mais se destacam nas pesquisas referentes a esta temática. Com seu estudo crítico, ele expõe um discurso analista que se baseia nos encontros dialéticos entre a Europa e o Outro e, portanto, observa como o mundo foi construído pela mente europeia (ASHCROFT et al., 1989).

Outros críticos, ainda se destacaram no âmbito mundial devido a sua influência para a consolidação da teoria pós-colonial, a exemplo dos teóricos de língua inglesa Bill Ashcroft, Gareth Griffith e Helen Tiffin, a julgar pela quantidade de publicações de artigos e livros de sua autoria que tratam da temática. Os textos mais renomados se encontram em *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures* [O Império Escreve de Volta: Teoria e Prática em Literaturas Pós-Coloniais] (1989), *The post-colonial studies reader* [O leitor dos estudos pós-coloniais] (2003) e *Post-colonial studies: The Key Concepts* [Estudos pós-coloniais: Conceitos-chave] (2007). Ademais, autores como o peruano Aníbal Quijano (1930-2018), o argentino Walter D. Mignolo (1941-) e a indiana Gayatri Chakravorty Spivak (1942-) são consideráveis ao tratar dos efeitos que a colonização gerou em diversos povos, sobretudo a condição de subalternidade em oposição ao colonizador, o detentor do pensamento hegemônico.

Quanto às pesquisas desenvolvidas no Brasil, alguns teóricos tornaram-se essenciais para os estudos pós-coloniais, já que o país foi por muitos anos colônia de Portugal. Destacam-se neste grupo o crítico e historiador Alfredo Bosi (1936-) - cujo livro *Dialética da colonização* (1992) constitui uma obra seminal sobre os efeitos do

poder colonial - e o teórico literário Thomas Bonnici, que se destaca no cenário da crítica pós-colonial pela observação de que “o desenvolvimento de literaturas dos povos colonizados deu-se como uma imitação servil de padrões europeus, atrelado a uma teoria literária unívoca, essencialista e universalista” (2000, p. 8).

Ao longo dos anos, estes pesquisadores contribuíram e ainda contribuem para a expansão da teoria pós-colonial e a sua aplicação a obras literárias. Para uma análise abalizada do pós-colonialismo nos textos, é preciso que o pesquisador adeque os seus estudos a mecanismos de investigação dos quais ele se utiliza para compreender como os fatores referentes à definição do homem em uma sociedade afetada pelo sistema colonial são refletidos na literatura e, com isso, desenvolva as considerações acerca dos elementos culturais e sociais que a produção intelectual analisada explora em seu *corpus* textual.

## 2. A teoria pós-colonial e a literatura de Ernest Hemingway

Ao verificar a literatura produzida por Hemingway, consideramos a possibilidade de ela ser interpretada pelas lentes teóricas do pós-colonialismo. Os contextos apresentados em seus escritos sugerem a condição de superioridade hierárquica que o Império assume perante os nativos das nações colonizadas, engendrando o seu peculiar caráter subalterno. Entende-se como “subalterno” toda a classe trabalhadora e os grupos excluídos e subordinados pela hegemonia colonial e distanciados de qualquer função em um sistema de poder (BONNICI, 2005). Para ilustrar essa perspectiva, traz-se como exemplo os romances *Adeus às Armas* (1929), *Por Quem os Sinos Dobram* (1940) e *O Jardim do Éden* (1986).

Como primeiro exemplo, citamos o romance *Adeus às Armas*, uma obra situada no contexto da Primeira Guerra Mundial. No trecho a seguir, apresenta-se um diálogo entre Frederic, o narrador-personagem do romance, Rinaldi, amigo do narrador, e a escocesa Helen Ferguson. Na situação retratada, ao discutirem a nacionalidade de Helen, observamos a repulsa que ela sente ao tratar da Inglaterra, conforme a passagem abaixo:

[...] Gosta da Inglaterra?  
 — Nem tanto. Sou escocesa, sabe?  
 Rinaldi olhou para mim sem compreender.  
 — Como escocesa, ela ama a Escócia mais do que a Inglaterra — expliquei em italiano.  
 — Mas a Escócia faz parte da Inglaterra.  
 Traduzi isso para a senhorita Ferguson.  
 — *Pas encore* — disse ela.

- Não, mesmo?  
 — Nunca fez. Nós não gostamos dos ingleses (HEMINGWAY, 2013b, p. 20, grifos do autor).

De acordo com a postura da moça, percebe-se o quanto ela nega a sua condição de dependência por ser oriunda da Escócia, uma espécie de “colônia” inglesa<sup>4</sup>. Sabe-se que a história da Escócia, desde os seus primeiros tempos de monarquia, é repleta de disputas territoriais, mesmo porque, com base em Stringer (2005), a sociedade escocesa se autoafirmava como uma nação igual à inglesa no que se refere ao seu estado de superioridade, como uma resposta às pretensões coloniais do poder inglês e, acima de tudo, para reforçar o seu status de identidade nacional independente.

A aversão demonstrada por Helen na narrativa concretiza a negação dos valores imperialistas ingleses. Dentro desse contexto, apesar de a Escócia não ser exatamente uma colônia inglesa, por analogia encontramos no seu discurso uma expressão própria do nacionalismo do colonizado (LOOMBA, 1998). Nota-se a rejeição de Helen à cultura da metrópole quando ela se expressa em francês, idioma que, por razões políticas, desafia a hegemonia da Inglaterra na Europa.

Em *Por quem os sinos dobram*, destaca-se o distanciamento dos norte-americanos em relação aos ingleses. Em um diálogo entre os personagens Pilar e Robert, percebe-se a repreensão imediata deste último ao ser tratado de “Inglês”:

- Você quer outro copo de vinho, Robert? — ela perguntou.  
 — Sim, por que não?  
 — Você vai ficar com um bêbado, como eu — disse a mulher de Pablo. — Ainda mais com aquela coisa que ele bebe. Escute-me, *Inglês*.  
 — *Inglês* não, Americano.  
 — Então escute, Americano. Onde você planeja dormir?  
 — Lá fora, eu tenho um saco de dormir (HEMINGWAY, 2013c, p. 60, grifos do autor).

Antes de adquirir sua independência, os EUA sofreram uma influência colonial considerável da Inglaterra. De acordo com Johnson (2003), os estados ocidentais dos EUA, da Ásia Central, do sul da Argentina e da Austrália foram afetados pela

---

<sup>4</sup> A Escócia, uma das quatro nações que integram o Reino Unido, sempre manteve uma intensa relação de amor e ódio com sua grande e dominante vizinha do Sul, a Inglaterra, desde o séc. XI, quando Edward I a invadiu em 1296. Depois de sucessivas guerras, foi assinado o Tratado de Paz Perpétua de 1502, que buscava colocar fim às periódicas guerras anglo-escocesas. Desta forma foram estabelecidas as bases da união das coroas em 1603. A Escócia contemporânea segue reivindicando suas raízes célticas e o inglês convive com o escocês e o gaélico escocês. Fartos da hegemonia de Westminster, os nacionalistas escoceses fundaram em 1934 o Partido Nacional Escocês (SNP), que hoje governa na região. (Revista *Isto É*. - 06/2020)

colonização europeia, caracterizada por um processo auxiliado pelas forças militares, com o intuito de fortalecer o progresso econômico do capitalismo. Compreende-se, no trecho, que o posicionamento de Robert em esclarecer sua identidade nacional enquanto norte-americano sugere um ato de resistência às ordens do Império em construir sua individualidade tal qual o colonizador, já que, ao longo da história de seu país, a intervenção colonial foi significativa em sua nação.

Nesse caso, “a primeira tentativa do colonizado é mudar de condição mudando de pele. Um modelo tentador muito próximo se oferece e se impõe a ele: precisamente o do colonizador” (MEMMI, 2007, p. 162). Essa “oferta” de assumir a identidade do indivíduo do Império vem disfarçada no discurso de Pilar, que atribui a Robert a imagem de cidadão inglês, mas que, sucessivamente, provoca-lhe uma reação negativa quando o nomeia com a identidade do colonizador.

Já em *O Jardim do Éden*, há um aspecto essencial a ser considerado pela teoria pós-colonial: a preferência dos personagens pelos países europeus, como mostra o diálogo entre Catherine e David, exposto no fragmento a seguir:

[...] Pode ir para a África e escrevê-las de novo quando sua visão estiver mais madura. O país não pode ter mudado tanto. Contudo, creio que seria interessante se escrevesse sobre a Espanha. Você disse que ela é praticamente igual à África, com a vantagem de ter uma língua civilizada (HEMINGWAY, 1986, p. 221).

Embora Catherine compare igualitariamente a África com a Espanha, imediatamente ela estabelece a diferença entre esses dois países por meio da linguagem, e coloca a Europa como um continente “civilizado” em contraste com a África. Este último, por sua vez, sempre esteve em condição de subserviência diante das potências mundiais como França, Inglaterra e EUA, principalmente pelo neoimperialismo do final do século XIX, que envolveu estratégias para conquistar e governar localidades da África e da Ásia com o intuito de expandir o comércio e o poder territorial (SMITH, 2000).

De fato, integrar a linguagem como um aspecto comparativo entre dois países é trazer a lume o patrimônio cultural específico de cada nação. Enquanto o idioma do colonizado é imaginado como algo rústico, a língua do europeu é vista como aquela que apresenta uma construção acima dos valores dos povos nativos, e isso remonta à base do colonialismo, como afirma Fanon (1965), de que a intervenção do colonizador é o elemento que atribui ordem à “anarquia” contida no país colonizado. Logo, isso



significa que tudo aquilo que pertence aos nativos é inferiorizado devido ao seu papel de dependência da colônia.

Concluindo, pode-se afirmar que a nossa abordagem do viés pós-colonial nos textos de Hemingway ilustra uma amostragem que a difere de outros estudos. De fato, é muito comum encontrarmos análises focadas na semiótica textual da obra do autor, principalmente no simbolismo referente à masculinidade dos personagens, à religião, dentre outras abordagens, em detrimento de uma leitura pós-colonial. Estas são ilustradas, por exemplo, na crítica do pesquisador americano Waldmeir (1962), exposta no ensaio *Ernest Hemingway's Religion of Man* [Religião do Homem em Ernest Hemingway], bem como no artigo *The Matador and Crucified* [O Matador e o Crucificado], integrado na coletânea de análises sobre escritores modernistas americanos em *Modern American Fiction* [Ficção Americana Moderna], publicada em 1963 por Melvin Backman.

A ótica pós-colonial constitui uma abordagem já aplicada à obra de Hemingway em geral, tal como no estudo do romance *The Sun Also Rises* [O Sol Também se Levanta], de 1926, em um ensaio produzido pelo professor Walter Bosse, e publicado na revista acadêmica *Pivot* (2014)<sup>5</sup>, da Universidade de Iorque, assim como na análise do conto *Indian Camp* [Acampamento Indígena (1924)], desenvolvida na tese de Antonius (2019)<sup>6</sup>, da Universidade Sanata Dharma, na Indonésia. Expandindo-se as análises construídas para outros trechos das obras destacadas, nosso estudo sugere inúmeras outras possibilidades de exploração e aplicação das teorias do pós-colonialismo à obra do autor.

### **3. A Definição identitária dos personagens em *O Velho e o Mar***

Vencedor do prêmio Nobel de Literatura, *O Velho e o Mar* narra a história de Santiago, um velho pescador que, após 84 dias sem pescar um só peixe, consegue fisgar um de tamanho descomunal. Durante a narrativa, o leitor conhece as angústias e os questionamentos do personagem ao longo de sua trajetória em alto mar e a sua luta com o gigante marinho. O romance apresenta alguns aspectos e situações que remetem a uma leitura metafórica da posição neocolonial exercida pelos Estados Unidos sobre Cuba nos

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://pivot.journals.yorku.ca/index.php/pivot/article/view/36118/35197>>. Acesso em: 6. jul. 2020.

<sup>6</sup> Disponível em: <[http://repository.usd.ac.id/33363/2/154214118\\_full.pdf](http://repository.usd.ac.id/33363/2/154214118_full.pdf)>. Acesso em: 6. jul. 2020.

anos que precederam a Revolução Cubana e aos respectivos embates entre o capitalismo e o comunismo durante a primeira metade do século XX.

Compreende-se o neocolonialismo – ou neoimperialismo como uma condição política em que as potências coloniais mais antigas e as superpotências recém-emergentes como os Estados Unidos, por exemplo, desempenham um papel decisivo sobre outras culturas e economias por meio de ações de controle indireto a nações que delas dependem cultural e economicamente (ASHCROFT, 2007). Desde então, o termo tem sido amplamente utilizado para se referir a toda e qualquer forma de controle exercido por ex-colônias após a independência política, o que se aplica aos EUA que evoluiu de uma das principais colônias da Inglaterra para uma superpotência imperialista.

Acrescente-se a isto o fato de que o modo como o narrador opera o enredo constitui um fator essencial para compreender o íntimo do protagonista, de modo que a mente do pescador se concretiza para o leitor mediante a voz narrativa. Portanto, ele desenvolve o “fluxo de consciência”, método narrativo inserido durante o período modernista pelo qual se descrevem as ideias, impressões e pensamentos do personagem. Logo, isso se direciona para uma caracterização própria do narrador *onisciente*, agente que, no texto literário, se expõe como uma “[...] figura demiúrgica que tem acesso aos pensamentos mais íntimos e às motivações ocultas dos personagens [...]” (CULLER, 1999, p. 91).

Dessa forma, a representação dos personagens se restringe ao fato de que eles são as peças que, em um romance, se configuram como elementos dotados de características emocionais, intelectuais e morais pela forma como são expressos ou como eles mesmos se definem, seja pelo diálogo ou pelas ideias pessoais, seja pelas ações (ABRAMS, 1999). Assim, *O Velho e o Mar* nos permite analisar a construção do pescador Santiago. Ao longo do texto, o protagonista age como uma reflexão dos abusos cometidos pelos EUA, especialmente pelas ações voltadas ao sistema capitalista. Ao mesmo tempo, porém, ele contesta as consequências trazidas pelo Império ao cubano. De fato, isso se expressa por meio de sua própria definição, que carrega o nome de uma das cidades mais significativas do país: Santiago de Cuba. Todavia, observa-se como o narrador descreve a estrutura física do pescador logo nas primeiras páginas da obra:

O velho pescador era magro e seco, e tinha a parte posterior do pescoço vincada de profundas rugas. As manchas escuras que os raios de sol produzem sempre, nos mares tropicais, enchiam-lhe o rosto, estendendo-se ao longo dos braços, e suas mãos estavam cobertas de cicatrizes fundas, causadas pela fricção das linhas ásperas enganchadas em pesados e enormes peixes. Mas nenhuma dessas cicatrizes era recente (HEMINGWAY, 2013a, p. 14)

Ao considerarmos esta passagem, observa-se que a narrativa atribui ao cubano uma caracterização negativa, posta quando se concede um realce maior ao seu desgastado. Em trecho anterior, o narrador soma a esse aspecto a fama de “azarento” de Santiago, por não conseguir pescar nenhum peixe, diferentemente de outros da sua profissão. Portanto, pela linguagem narrativa, isso expõe a ação colonialista de retratar ao leitor a deficiência do colonizado em desempenhar qualquer ofício, e ao colonizador cabe a imagem de progresso para o seu próprio benefício (MEMMI, 2007).

Embora o protagonista seja ignorado pela comunidade a que pertence, o discurso de Santiago revela o exemplo do nativo que se imagina na condição de nativo do Império, subliminarmente negando a sua condição de sujeito subalternizado. Alguns nomes referentes às celebridades norte-americanas são integrados à ficção como forma de centralizar a visão de Santiago sobre o povo americano, o que induz a um distanciamento de sua própria identidade enquanto cubano. Em um dos trechos da obra, o pescador expressa a sua admiração pelo colonizador através do propósito pessoal de levar o jogador de basebol Joe DiMaggio (1914-1999) para pescar e, concomitantemente, estabelece uma comparação da origem do esportista com a sua : “- Eu gostaria era de levar o grande DiMaggio para pescar – falou o velho Santiago. – Dizem que o pai dele era pescador. Talvez tivesse sido tão pobre como nós e pudesse compreender nossa vida” (HEMINGWAY, 2013a, p. 25).

De acordo com o fragmento anterior analisamos como o enredo inclui o poderio dos EUA na fala de Santiago, que destaca a trajetória de um cidadão do Império tal como a sua enquanto cubano. Isso indica uma amostra clara do neoimperialismo norte-americano, visto como uma implantação dos valores nas culturas de países distintos através do colonialismo ou por alguma interferência indireta dos Estados Unidos (TOTA, 2000).

Pode-se perceber, ainda, que o narrador associa constantemente Santiago aos elementos naturais, que se justifica pelo desenvolvimento da ficção em meio à natureza concretizada pelo ambiente marítimo e os seres que nele habitam. Todavia, o foco narrativo é concentrado na representação do velho pescador como um colonizado que

mantém uma relação favorável com os animais, embora o seu ofício se dedique à extinção de alguns para o seu próprio sustento. Através da voz narrativa, o comportamento do protagonista se opõe a outros pescadores, conforme se observa no trecho seguinte:

Não tinha nenhuma consideração especial pelas tartarugas, embora tivesse andado à caça delas durante muitos anos. Davam-lhe pena, mesmo as que pesavam uma tonelada. A maior parte dos pescadores não sentia a menor compaixão pelo fato de o coração da tartaruga continuar a palpitar durante horas e horas, mesmo depois de ela morta e cortada em pedaços. Mas o velho pensava: “Eu também tenho um coração assim e os meus pés e mãos são como os dela.” Comia-lhes os ovos brancos para ganhar força [...] (HEMINGWAY, 2013a, p. 39-40)

Pelo lado oposto, enquanto a classe de pescadores se preocupa em apenas obter o necessário para a sua sobrevivência sem demonstrar apego algum aos animais, Santiago atua como um caso distinto do seu grupo, mantendo uma atitude altruísta em relação às tartarugas. Ao se observar como ser vivo tal como esses animais marinhos, ele denota a imagem própria do colonizado que via de regra respeita a natureza como parte semelhante a si, enquanto os outros sugerem a ação do capitalismo, que “[...] submete a natureza e o homem” (BOSI, 1992, p. 170), e os coloca contra si mesmos. A identidade de Santiago aflora como uma antítese a esse comportamento, não apenas dos pescadores, mas do próprio Império, ao manifestar uma crítica da exploração exacerbada dos elementos naturais evidenciada pela exploração colonial dos recursos direcionados unicamente para o aumento do capital. De acordo com Ashcroft et al. (2007), essa discussão sobre a relação do homem e a natureza – juntamente com o imperialismo enquanto panorama - é um dos principais interesses da teoria pós-colonial da contemporaneidade, de modo que as ações do nativo são voltadas para a preservação do meio ambiente.

Nesse sentido, o discurso pós-colonial sobre o ecossistema se expõe no pensamento e na voz de Santiago, pois funciona como uma reflexão sobre o reparo dos danos que o homem provoca à natureza. Enquanto os EUA utilizam as terras cubanas como espaços de disputa e reivindicação em termos de propriedade individual dos bens que a ilha contém, os cidadãos colonizados assumem o papel de usuários apenas do essencial para a sua autossustentação. Nesse sentido, o protagonista de *O Velho e o Mar* assume a identidade de combatente da exploração ambiental executada pelo neocolonialismo norte-americano em Cuba, o que colide com a ideologia de abuso dos

recursos naturais promovida pelos EUA e, com isso, atribui-lhe um caráter singular com relação aos outros pescadores, no tocante ao cuidado com o meio ambiente.

Da mesma forma essa situação se repete quando, na trama, o velho Santiago pesca o grande peixe espadarte. Pelo fato de não haver comida para alimentar muitos dos cubanos, ele reflete sobre a ausência de alimento e, seguidamente, adota a natureza como parte integrante de sua família. Assim, pensa ele:

[...]. “Quantas pessoas ele irá alimentar? Mas serão merecedoras de um peixe assim? Não, claro que não. Ninguém merece comê-lo, tão grande a sua dignidade e tão belo o seu modo de agir.” “Não compreendo essas coisas”, pensou ele. “Mas é bom que não tenhamos de tentar matar a lua, o sol ou as estrelas. Já é ruim o bastante viver no mar e ter de matar os nossos verdadeiros irmãos.” (HEMINGWAY, 2013a, p. 75-76)

Embora o velho desenvolva um tipo de afeto ao peixe, justificado por ser sua única companhia em meio à solidão no mar, ele mata o animal marinho antes considerado um “irmão” (HEMINGWAY, 2013a) por ser necessário para a sua sustentação enquanto pescador. Todavia, ele expõe o seu discernimento ao afirmar que a sua condição é consequência do contexto social ao qual ele pertence e, por isso, se torna dependente desse panorama provocado pelo capitalismo do Império. Revoltado, ele argumenta: “- Trabalha, velho – falou ele e bebeu um pouco de água de garrafa que estava quase vazia. – Há muito trabalho de escravo a realizar, agora que a luta terminou” (HEMINGWAY, 2013a, p. 96).

A visão de Santiago enquanto ser submisso é uma expressão do discurso que o colonizador incute no nativo, pois, pela ambição colonial, o colonizado deve atuar para suprir às suas necessidades (MEMMI, 2007), subjugando-os ao seu apetite “cornucopiano” (GARRARD, 2004), isto é, ao seu desejo de progresso e lucro, de forma progressiva e sem o mínimo respeito pelo meio ambiente e o ecossistema. No caso do cubano, Kiernan (2009) considera que os EUA afirmavam a escravidão como uma forma de defesa dos seus direitos de estado e uma garantia de estabilidade do Império. Além disso, eles estimulavam a crença racista de determinar algumas classes e etnias que não pertenciam aos padrões norte-americanos como menores do que humanos ao realizar uma categorização preconceituosa a partir da intolerância propagada pelo governo colonial. O velho pescador, portanto, se imagina como um ser tal qual o escravo, que se encontra submetido às diretrizes imperiais, e identifica-se, na obra, como mais um objeto nas mãos do poder colonial. Talvez por isto,

paradoxalmente, ele idolatre o jogador americano DiMaggio, *persona* que no fundo ele próprio gostaria de ser.

Continuamente, Santiago expõe o seu conflito pessoal com a natureza, mesmo que ele a considere como um membro familiar. Após pescar o espadarte e mantê-lo amarrado junto a seu barco, alguns tubarões surgem para se alimentarem da isca exposta em alto-mar. Apesar desses peixes serem selvagens e terem como principal alimento a carne, o protagonista expressa angústia e repulsa pelas suas ações, atribuindo-lhes a culpa de ter a sua grande conquista como alimento para saciar a fome de quem não precisa daquele exato espadarte para se alimentar. (HEMINGWAY, 2013a). Desta maneira, o apetite dos peixes, é visto pela voz narrativa como uma ação primitiva e cruel: “[...] tubarões idosos, malcheirosos, assassinos e comedores de carne podre.” (HEMINGWAY, 2013a, p. 106)

Esse aspecto da narrativa também pode ser visto como uma alegoria da exploração que o Império norte-americano praticava em Cuba. Portanto, a ação dos tubarões indica a forma de intervenção dos EUA na ilha: enquanto os bens naturais e o trabalho braçal eram frutos do esforço dos cidadãos cubanos, os EUA se apropriavam dos seus produtos para o próprio crescimento econômico, como convinha aos seus interesses coloniais.

Esse fragmento da trama é um retrato do que Bonnici (2005) trata com relação ao colonialismo, que altera os bens oferecidos pelo ecossistema de comunidades nativas, de forma que a repartição e a devastação dos recursos da natureza são atos frequentes do poderio imperial. Desta forma, os tubarões simbolizam o propósito da metrópole de usufruir do trabalho alheio em favor da sua supremacia sobre a comunidade nativa.

A identidade dos personagens também se torna um elemento construído a partir das variações culturais expressas pelo idioma. Entretanto, à medida que o texto se desenvolve, a narrativa apresenta observações acerca do idioma espanhol de Cuba, porém, enfatizado com exotismo, e isso constata uma separação cultural entre o narrador e a língua nativa. Atentando para a estrutura escrita em *O Velho e o Mar*, isto é, escrito em língua inglesa – excetuando-se apenas a inclusão dos vocábulos em espanhol – o romance se situa em um território onde o idioma espanhol foi o elemento cultural que permaneceu na ilha desde a sua formação nacional e, portanto, aspecto componente do cotidiano linguístico de Cuba. Por isso, a obra expõe o predomínio da linguagem do colonizador, isto é, o inglês, oriundo dos EUA, e se percebe que “[...]”

adotar uma linguagem diferente daquela da coletividade em que nasceu, representa um deslocamento [...]” (FANON, 2008, p. 39-40).

Sobre esse aspecto, extrai-se o seguinte fragmento: “- Vá-se embora, *galano*. Vá para o fundo do mar. Vá ver o seu amigo ou talvez se trate de sua mãe” (HEMINGWAY, 2013a, p. 108, grifo do autor). Esteticamente, o texto expõe esses termos em itálico, o que indica estranhamento de tais expressões durante a leitura. Desse modo, o velho Santiago é a imagem da vítima que, devido à predominância do poder dos EUA, apresenta uma variação idiomática entre o espanhol e o inglês, e, nesse aspecto, o personagem torna-se m indivíduo “bilíngue” pelo hibridismo da cultura norte-americana e cubana. Logo, a linguagem, enquanto estabelecadora de delimitações, “[...] tende a esquecer que o princípio da visão dominante não é uma simples representação mental, uma fantasia [...], uma ‘ideologia’, e sim um sistema de estruturas duradouramente inscritas nas coisas e nos corpos” (BOURDIEU, 2012, p. 53-54).

Há, portanto, um embate entre a cultura do colonizador e do colonizado, embora *galano* – palavra espanhola destinada para especificar um tipo de tubarão – não apresente uma tradução fornecida pelo narrador. Mesmo assim, o uso da expressão em itálico direciona o leitor para um estranhamento dos hábitos linguísticos do nativo. Logo, esse trecho da trama conduz a análise para a existência de um *bilinguismo colonial*. De acordo com Memmi (2007, p. 147):

No contexto colonial, o bilinguismo é necessário. Ele é a condição de toda a comunicação, de toda a cultura e de todo o progresso. Mas o bilíngue colonial só se salva do isolamento para sofrer uma catástrofe cultural, que nunca é completamente superada.

No enredo, a linguagem também se torna um elemento de debate ao apresentar um encontro direto entre a os Estados Unidos e Cuba por meio do turismo. A representação dos turistas norte-americanos corresponde a um elemento importante para a sua inserção no enredo, pois, além de ilustrar o contraste cultural tratado anteriormente, a linguagem interfere na compreensão dialógica dos indivíduos envolvidos. Atentemos, portanto, ao seguinte diálogo entre uma turista norte-americana e um garçom cubano:

- O que é aquilo? - Perguntou ela ao garçom [...].  
- *Tiburón* – respondeu-lhe o garçom, tentando explicar, em espanhol, o que sucedera. – Tubarões. (HEMINGWAY, 2013a, p. 123)

Nesse trecho, o garçom se refere a uma espinha de peixe que se encontra abandonada à beira da praia, consequência do consumo selvagem do espadarte pescado por Santiago pelos tubarões. Ao expressar seu discurso, a turista argumenta no idioma inglês – de acordo com o texto fonte -, enquanto que o garçom se expressa em espanhol. Todavia, este último demonstra, além da língua utilizada na ilha, a habilidade de se expressar em inglês norte-americano e, logo após responder à questão da interlocutora em seu idioma de origem, acrescenta imediatamente o idioma do Império para tornar o seu discurso possível ao entendimento pela mulher. atentemos para a necessidade de o narrador informar o motivo de o garçom se expressar em língua espanhola. Logo, o leitor se depara com mais um personagem bilíngue, e o bilinguismo é visto como uma forma de sobrevivência, mesmo porque o seu local de trabalho exija essa competência devido ao fluxo de estrangeiros, sobretudo norte-americanos. Vê-se, então, como a língua também ocupa um lugar primordial no domínio imperial, pois a linguagem, juntamente com o poder, são elementos intrínsecos ao colonialismo (BONNICI, 2000).

Portanto, a resposta do garçom, enquanto nativo, indica que, embora o uso da linguagem do dominador tenha sido uma forma de anular a cultura do Outro, como uma característica do colonizado, não há o distanciamento total de suas origens culturais, mesmo que estas tenham sido afetadas pela colonização. O ato de traduzir do termo *tiburón* para a linguagem do Império significa um comportamento que o subjeta à ação cultural neoimperialista dos EUA, e isso indica uma transformação do seu patrimônio cultural um elemento inferior ao de quem detém o poder, já que o espanhol remete diretamente à cultura do colonizado.

Sobre Manolin – amigo de Santiago – o garoto concretiza a geração nova do nativo inserido em uma Cuba afetada pelo neocolonialismo norte-americano. Entretanto, em alguns trechos do romance, o comportamento do jovem indica um desvio dos valores capitalistas defendidos pelos EUA, especialmente pelos atos que remetem a uma prática de partilha de bens, postura esta adotada pelo comunismo. Observa-se, no trecho seguinte, a ação afetuosa de Manolin para com o pescador ao compartilhar o alimento:

- [...]. Agora preciso ir buscar as suas sardinhas e a isca fresca. O patrão é que traz a tralha. Não permite que ninguém o ajude a trazer as coisas.
- Nós somos diferentes – disse o velho – Quando você tinha cinco anos, já me ajudava a trazer as minhas coisas. (HEMINGWAY, 2013a, p. 30)



Manolin e Santiago, portanto, trazem à discussão duas faixas etárias do nativo atingido pela ação do colonialismo: o primeiro representa a geração que se encontra diante das diferenças culturais e dos valores capitalistas promovidos pelo Império dos EUA, Enquanto o segundo transparece uma figura que, devido à condição de idoso, percorre um longo trajeto do período neocolonial cubano.

A influência do neocolonialismo norte-americano se apresenta na obra com o objetivo de eliminar qualquer expressão do cubano. Mesmo que alguns elementos referentes à origem do colonizado se concretizem no enredo, o texto descentraliza o comportamento do nativo, ora representado pela sua origem nacional, ora pela metrópole colonial, e revela uma definição dos sujeitos a partir dos moldes executados pela soberania imperialista.

De modo geral, a narrativa constrói personagens que, perante o quadro imposto pelo Império, se transformam mediante o processo de internalização cultural e político causado pela autoridade colonial e, dessa maneira, instaura denominações de sujeitos adequados em conformidade com as convicções imperiais. Assim, os indivíduos agem de acordo com as limitações e as diversidades que se mostram a partir do encontro entre as nações, o que ocasiona fragmentações identitárias aos povos colonizados. A posição do narrador na apresentação de cada personagem funciona como uma ferramenta essencial para indicar a influência neoimperial dos EUA em Cuba.

### **Considerações finais**

Para que essa pesquisa se tornasse concreta, o contexto histórico do neocolonialismo norte-americano em Cuba constituiu-se de ampla relevância, uma vez que a história opera a sua função de trazer dados que, ao serem observados, se associam com o que se pretende analisar, já que a colonização foi um dos grandes definidores da identidade de certos países atingidos por essa política de dominação. Com efeito, o indivíduo colonizado é o principal atingido por esse processo de expansão imperial, o que o insere como um sujeito híbrido, resultante da apropriação da sua cultura e economia pelo colonizador. *O Velho e o Mar*, bem como outros textos de Hemingway analisados neste estudo, ilustram os contextos e ideologias que se expõem mediante essas relações entre colônia e Império.

Ao pensar na integração entre a literatura norte-americana e o pós-colonialismo, é possível afirmar que esse ramo dos Estudos Culturais exerce uma função significativa ao estabelecer uma reflexão sobre aspectos que remetem à cultura e à sociedade

daqueles que foram atingidos pelo regime neocolonial. No romance eleito para esta análise, as relações apontadas entre o narrador e os personagens ilustram modos de pensar a ficção dos EUA como uma prosa que integra elementos coloniais específicos da colonização, sobretudo a frequência na integração de aspectos característicos do indivíduo norte-americano em diferentes ocorrências que formalizam a produção de Hemingway.

Apesar de os Estudos pós-coloniais adquirirem um espaço considerável nos Estudos Culturais, ainda é insuficiente o número de pesquisas que apliquem os seus conceitos à literatura de Hemingway. Observou-se que, para a aplicação da teoria pós-colonial a tais textos, foi necessário um estudo minucioso do vocabulário e dos diálogos que apresentam marcas do período neocolonial. Quando a literatura, em sua constituição, expressa traços da influência do colonialismo, o seu principal papel está em investigar como o Outro, enquanto colonizado, é representado ao longo do texto, uma vez que é no objeto artístico que ele se materializa, seja pela aceitação da prática colonial como pelo combate contra o regime instaurado pelo Império. Nesse caso, a literatura atua, enquanto prática social, como “um tipo de linguagem que chama a atenção sobre si mesma e exhibe sua existência material” (EAGLETON, 1983, p. 2).

Enfim, podemos destacar *O Velho e o Mar* como a obra de Hemingway que contém uma amplitude de ideias que remetem ao condicionamento do colonizado a um cenário dominado cultural, territorial e economicamente pela metrópole. A teoria pós-colonial nos proporcionou a possibilidade de reler o *corpus* por um ângulo dos Estudos Culturais que concedem aos pesquisadores os meios necessários para problematizar a condição identitária do sujeito subalterno como produto do poderio imperial.

## Referências

- ABRAMS, Meyer Howard. *A Glossary of Literary Terms*. 70. ed. USA: Heinle & Heinle, 1999.
- ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*. London: Routledge, 1989.
- ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *Post-Colonial Studies: The Key Concepts*. London: Routledge, 2007.
- BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2000.

- BONNICI, Thomas. *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*. Maringá: Eduem, 2005.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Tradução de Carmen C. Varriale et al. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11. ed. Tradução de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRUIT, Héctor Hernan. *O imperialismo*. 2. ed. São Paulo: Atual, 1987.
- CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- FANON, Frantz. *A Dying Colonialism*. Traduzido do francês por Haakon Chevalier. New York: Grove Press, 1965.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: Edufba, 2008.
- GANDHI, Leela. *Postcolonial Theory: A Critical Introduction*. New York: Columbia UP, 1998.
- GARRARD, Greg. *Ecocriticism*. London: Routledge, 2004.
- HEMINGWAY, Ernest. *O velho e o mar*. Tradução de Fernando de Castro Ferro. 80. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013a.
- HEMINGWAY, Ernest. *Adeus às armas*. Tradução de Monteiro Lobato. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013b.
- HEMINGWAY, Ernest. *Por quem os sinos dobram*. Tradução de Luís Peazê. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013c.
- HEMINGWAY, Ernest. *O jardim do Éden*. Tradução de Wilma Freitas Ronald de Carvalho. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.
- ISTO É. São Paulo: ed. Três, nº 2633, de 26 jun de 2020.
- JOHNSON, Robert. *British Imperialism*. London: Palgrave Macmillan, 2003.
- KIERNAN, Victor Gordon. *Estados Unidos: o novo imperialismo*. Tradução de Ricardo Doninelli Mendes. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- LÊNIN, Vladimir Ilitch. *O imperialismo: etapa superior do capitalismo*. São Paulo: FE/UNICAMP, 2011.

- LOOMBA, Ania. *Colonialism/Postcolonialism*. New York: Routledge, 1998.
- MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador*. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- SELDEN, Raman; WIDDOWNSON, Peter; BROOKER, Peter. *A Reader's Guide to Contemporary Literary Theory*. 5. ed. Great Britain: Pearson Longman, 2005.
- SMITH, Bonnie G. *Imperialism: A History in Documents*. New York: Oxford University Press, 2000.
- STRINGER, Keith. The Emergence of a Nation-State, 1100-1300. In: WORMALD, Jenny (Ed.). *Scotland: A History*. Oxford University Press: New York, 2005. p. 38-68.
- TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.